

**MOVIMENTAÇÃO JUVENIL NO CAMPO –
Jovens do Assentamento Ireno Alves dos Santos**

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo, Departamento de Planejamento e Administração Escolar, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:
Prof.^a Ms Natacha Eugênia Janata

CURITIBA

2007

**MOVIMENTAÇÃO JUVENIL NO CAMPO – Jovens do Assentamento
Ireno Alves dos Santos**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Educação do Campo da Universidade Federal do
Paraná, como requisito parcial à obtenção ao título de
Especialista.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Ms^a Natacha Eugênia Janata

Curitiba, ____ de _____ de 2007.

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo Lídio Kalinoski e aos meus filhos Paulo Victor Kalinoski e João Pedro Kalinoski, pelo companheirismo, amor e incentivo na luta.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Mestra Natacha Eugênia Janata, por proporcionar ensinamentos na orientação constante deste trabalho.

Aos meus colegas de sala, por compartilhar experiências nos estudos.

À minha família, que em vários momentos foi privada de minha companhia e nem por isso deixou de estar ao meu lado em todos os momentos de minha caminhada.

RESUMO

Este projeto de pesquisa foi resultado das reflexões e indagações que tive sobre juventude ao longo de minha trajetória profissional, desenvolvendo várias experiências como educadora, principalmente com jovens do campo. Pude ver a importância que o campo tem para a sociedade e para os jovens que aí residem, mas também trouxe várias inquietações, sendo uma delas a “movimentação” que o jovem faz em sua vida após o término do Ensino Médio, que significa as constantes idas e vindas do campo para os municípios em busca de diferentes concretizações em suas vidas, a partir de diversos motivos. As principais questões que me apareciam por conta desta situação identificada eram: o que faz com que esses jovens se movimentem? Para onde esses jovens vão? Sendo assim, pesquisamos a movimentação de uma turma que concluiu o Ensino Médio no ano de 2005 do Colégio Ireno Alves do Santos, na comunidade Arapongas, no Município de Rio Bonito do Iguaçu. Esta pesquisa partiu do objeto-sujeito, jovens do campo do MST, sem perdemos de vista que estes jovens, partindo dos dados apresentados pelos sujeitos nas entrevistas; estruturou-se em três capítulos. No primeiro fazemos uma apresentação das diretrizes metodológicas constituídas como eixo da pesquisa. No capítulo seguinte se refere ao esforço em compreender o conceito de juventude e analisar, a partir da especificidade dos jovens camponeses, o que levam de sonhos, angústias e expectativas em sua vida. O capítulo três buscou discutir a “movimentação” que os jovens do campo fazem em suas vidas, o que faz com que sintam a necessidade de não ficarem em um único lugar e sim desbravarem novos caminhos que os levarão a se arriscar mais, com dúvidas e preocupações, mas sem medo de errar para realizar seus sonhos. Enfim, apresentamos algumas conclusões provisórias em que buscou fazer sínteses possíveis, diante dos limites desta investigação, acerca do contexto pesquisado. E o que nos trouxe contentamento foi perceber que estes jovens pesquisados buscam novos caminhos para suas vidas e que estes caminhos não estão distantes do campo. Mas uma segunda questão que é reforçada pelos jovens é a de que cabe aos movimentos, educadores e comunidade compreender melhor sobre esta categoria, inseri-la nas discussões, nos debates e nas reuniões e se perguntar se isso servirá de base para que juntos se construa a tão esperada revolução que os jovens buscam.

Palavras-chave: Jovens, Movimentação, MST.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I – REFLEXÕES SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA	14
CAPÍTULO II – O QUE É SER JOVEM NO CAMPO: UMA PEQUENA DELIMITAÇÃO.....	20
2.1 Terra – Trabalho ajudando a compreender os e as jovens do campo.....	23
2.2 Comunidade e participação.....	30
CAPÍTULO III – O QUE CHAMAMOS DE “MOVIMENTAÇÃO”.....	35
3.1 Trabalho X Meninas e Meninos.....	38
3.2 Jovens em estudos: perspectiva de uma formação.....	41
CONCLUSÕES.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

“Pelos caminhos que eu andei, quantas pedras encontrei, nenhuma odiei por muitas eu passei, vim de tão longe quantas pedras encontrei? (...)”
(Micheli Souza, 2007)

Esta monografia é resultado das reflexões e indagações sobre juventude ao longo de minha trajetória profissional, desenvolvendo várias experiências como educadora, principalmente com jovens do campo. Pude ver a importância que o campo tem para a sociedade e para os jovens que aí residem, mas também trouxe várias inquietações, sendo uma delas a “movimentação” que o jovem faz em sua vida após o término do Ensino Médio, que significa as constantes idas e vindas do campo para os municípios em busca de diferentes concretizações em suas vidas, a partir de diversos motivos.

As principais questões que me apareciam por conta desta situação identificada eram: o que faz com que esses jovens se movimentem? Para onde esses jovens vão?

No entanto, minhas inquietações viriam a se fortalecerem, pois como educadora vou trabalhar na Comunidade Arapongas, no Colégio Estadual Ireno Alves dos Santos, no Município de Rio Bonito do Iguaçu-PR, com jovens ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Movimento¹ este que até então era um enigma para mim e para muitos educadores que ali estavam. As famílias e os jovens daquela comunidade em quase sua totalidade foram participantes da ocupação da Fazenda Giacometi, localizada no município de Rio Bonito do Iguaçu-PR, na região centro-oeste do Estado do Paraná sendo esta ocupação a maior realizada até então na região Sul do país, com três mil cento e quarenta famílias, em 17 de abril de 1996, e que deu origem a um dos maiores Assentamentos da América Latina.

¹ Estaremos citando com letra maiúscula a palavra Movimento, quando nos referirmos ao Movimento Sem Terra – MST.

**ASSENTAMENTO IRENO ALVES DOS SANTOS
E MARCOS FREIRE**

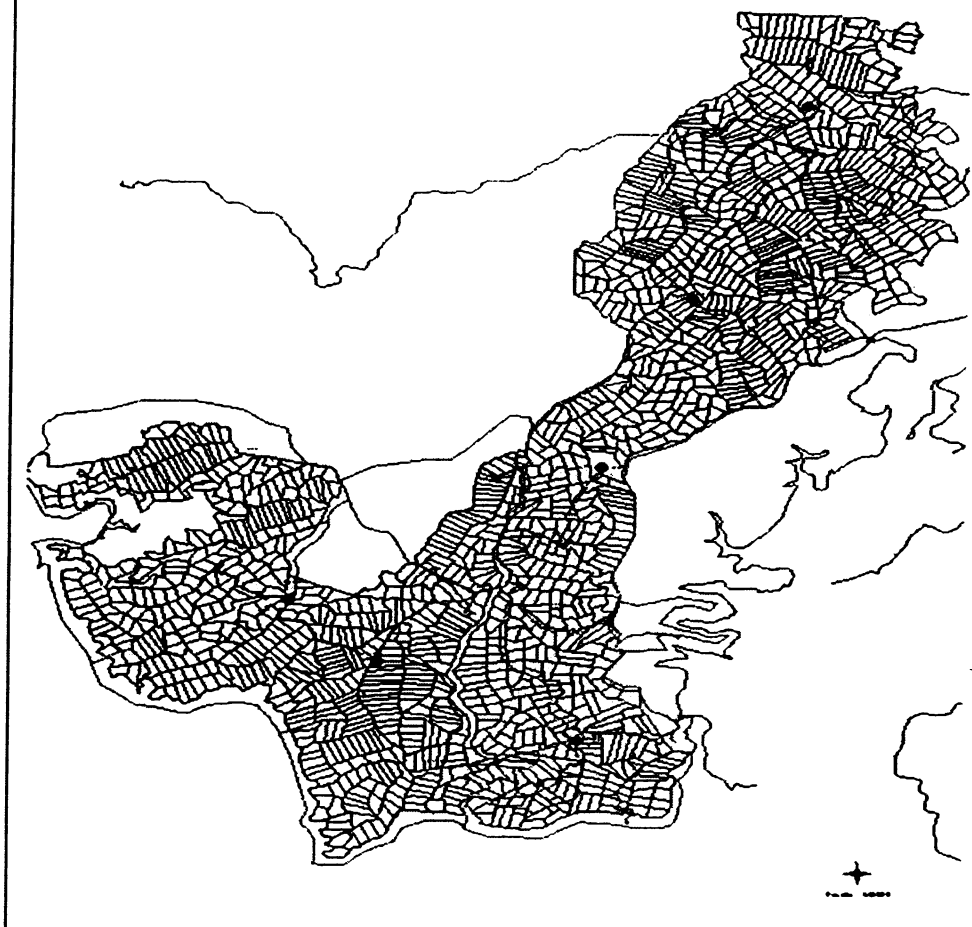


Figura 1 – Mapa de localização do Assentamento Ireno Alves dos Santos.

Até então, a princípio, o meu entrosamento com a escola e educandos não foi muito fácil, pois estava ali somente para ministrar aulas; até que dia-a-dia pude entender mais da vida e da realidade daqueles educandos do campo. A troca de conhecimento e o aprendizado que tive e venho tendo com estes jovens me levaram a buscar respostas para minhas inquietações.

Fazendo parte deste contexto e não entendendo como alguns educandos compreendem suas vidas, começo a discutir com eles o que é para eles morar no campo, quais são seus desejos, sonhos e perspectivas de vida. Então consigo interagir e intervir em alguns momentos como educadora, buscando

entender que significado tem em ser da roça, Sem Terra e, principalmente, parte dessa história de luta.

Contudo, ainda não consigo identificar por que e para onde os jovens se movimentam, para onde vão quando saem do local onde estão morando, o que buscam e o que encontram, por que retornam para sua comunidade. Suas idas e vindas na escola e em sua comunidade (que se destacam com mais intensidade após concluir o Ensino Médio) me fizeram refletir mais profundamente quando vários jovens vieram se despedir no último dia de aula no ano de 2005: cada um tinha sua história para justificar a saída ou permanência naquele momento, mas não era com tristeza que falavam da saída e sim com firmeza do que queriam, como qualquer jovem que busca o que é certo para ele. Vários não estavam indo para longe e sim para outro assentamento ou comunidade para trabalhar ou ajudar amigos em suas tarefas da vida diária do campo. Neste momento ainda inicial, apenas me interrogo sobre as questões apresentadas que envolvem esta “movimentação”.

Assim, em 2006, passo a ser educanda do curso de Especialização em Educação do Campo, movida, entre outros motivos, por avançar na formação continuada a fim de contribuir, a partir da ampliação de meus conhecimentos, com a prática pedagógica na escola e também pela busca de novos caminhos para que possa melhor compreender as ansiedades, desejos e expectativas dos jovens do campo. De início, senti-me perdida, pois nunca havia tido acesso a uma discussão com profundidade teórica apresentada; e novamente coloco-me em busca de entender de que forma posso contribuir como educadora.

Tivemos como objetivo principal compreender e nos aproximarmos mais dos jovens desta comunidade, e assim relatar e sistematizar os resultados das entrevistas e conversas que tivemos com eles, onde expressam seus sonhos, angústias e expectativas de vida dentro de uma comunidade de assentamento. Ali nossos jovens buscam uma maior participação, pois é o local onde moram, convivem em sociedade, enfim, é onde se identificam como gente.

Retomando brevemente a trajetória da conquista do assentamento pesquisado, vemos que traz em sua formação a história de luta de 3 mil famílias, 12 mil camponeses acampados na beira do asfalto, com um só sonho, a conquista de um pedaço de chão para plantar e sustentar suas famílias, como relata este jovem:

“Todos unidos, todos com o mesmo espírito, todos com o mesmo sonho, era a união prevalecendo naqueles dias.” (P. 18 anos)

A marcha da noite fria e escura leva à ocupação da Fazenda Giacometti, com cerca de 83 mil hectares de terra, o que possibilitou o resgate da dignidade daquela gente sem-terra, marcada pela exploração e expulsão da terra.

Então, começa outra luta: conquistar escolas às crianças, jovens e adultos, e, para isto, construir as estruturas, que inicialmente foram de barracos, além de garantir professores atuando com muitas crianças sedentas em conhecer as letras. O Movimento busca mais, assim como relata Morissawa (2001, p.239): “Se a terra representava a possibilidade de trabalhar, produzir e viver dignamente faltava-lhes um instrumento fundamental para a continuidade da luta”. E as escolas foram pouco-a-pouco sendo formadas para essas maravilhosas descobertas das crianças e jovens.



Figura 2 – Primeiros passos para implantação de escolas na Comunidade Arapongas, Assentamento Ireno Alves dos Santos, Rio Bonito do Iguaçu/PR



Figura 3 – Barracão adaptado para funcionamento Escola Estadual Ireno Alves dos Santos, Assentamento Ireno Alves dos Santos, Rio Bonito do Iguaçu/PR

Hoje o Colégio Ireno Alves dos Santos é motivo de orgulho pelos pais, professores, enfim toda a comunidade. Atualmente, ele atende aproximadamente 150 famílias da comunidade Arapongas, e, além desta, também as comunidades vizinhas, que são: Sede, Nova Estrela, Alta Floresta, Campos Verdes, Juriti, São Francisco, Santo Antônio, Nova Santa Rosa, Nova União, Açude Seco, Guadalupe, Boa Esperança, Nova Prata e Sagrado Coração de Jesus. Oferta as modalidades de Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) e Ensino Médio. Possui atualmente um total de 18 turmas, sendo 11 de Ensino Fundamental e 7 de Ensino Médio. A organização do tempo escolar é seriada. O Colégio funciona no período diurno nos turnos vespertino (9 turmas) e matutino (9 turmas); atualmente estão matriculados no Colégio 512 alunos. Há um diretor, duas pedagogas, vinte e dois professores, três auxiliares administrativos, um agente de execução e cinco auxiliares de serviços gerais.

As novas instalações do Colégio foram entregues no dia 27 de julho de 2006 (uma nova luta da comunidade), sendo que esta se compõe de uma biblioteca, um laboratório de ciências física e química, um laboratório de informática, uma sala de uso múltiplo, quatro salas de aula, banheiros, cozinha e refeitório com um espaço amplo, trazendo conforto aos educandos e educadores do Colégio.



Figura 4 – Colégio Ireno Alves dos Santos (2007)

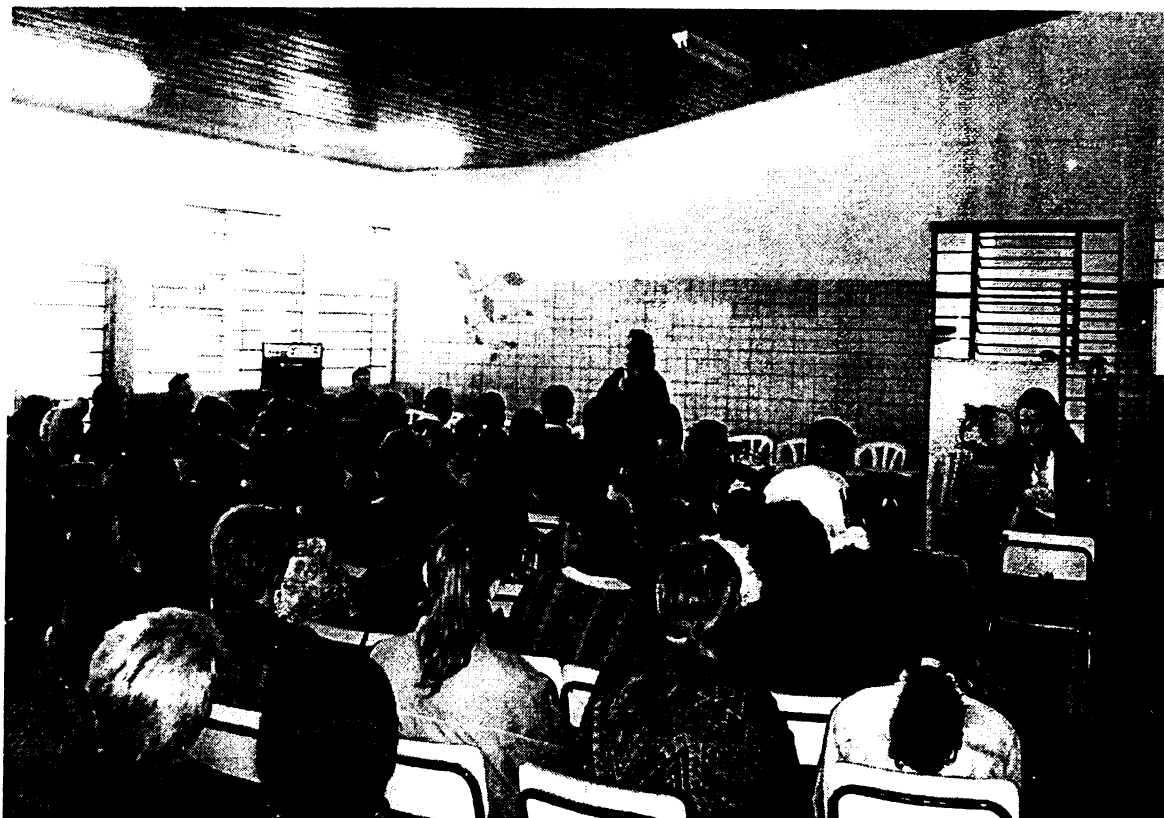


Figura 5 – Colégio Ireno Alves dos Santos (2007)

A presente investigação, partindo dos dados apresentados pelos sujeitos nas entrevistas, estruturou-se em três capítulos.

No primeiro capítulo fazemos uma apresentação das diretrizes metodológicas constituídas como eixo da pesquisa. No capítulo seguinte se refere

ao esforço em compreender o conceito de juventude e analisar, a partir da especificidade dos jovens camponeses o que levam de sonhos, angústias e expectativas em sua vida.

O capítulo três buscou discutir a “movimentação” que os jovens do campo fazem em suas vidas, o que faz com que sintam a necessidade de não ficarem em um único lugar e sim desbravarem novos caminhos que os levará a se arriscar mais, com dúvidas e preocupações, mas sem medo de errar para realizar seus sonhos.

Enfim, apresentamos algumas conclusões provisórias, pelas quais se buscou fazer sínteses possíveis, diante dos limites desta investigação acerca do contexto pesquisado. E o que nos trouxe contentamento foi perceber que estes jovens pesquisados buscam novos caminhos para suas vidas e que estes caminhos não estão distantes do campo. Mas uma segunda questão que é reforçada pelos jovens é a de que cabe aos movimentos, educadores e comunidade compreender melhor sobre esta categoria, inseri-la nas discussões, nos debates e nas reuniões e se perguntar se isso servirá de base para que juntos se construa a tão esperada revolução que os jovens buscam.

CAPÍTULO I - REFLEXÕES SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA

Nossas reflexões sobre a juventude do campo nos levaram a um grupo de jovens, com os quais tivemos o privilégio de trabalhar durante o ano de 2005. Sendo assim, pesquisamos a movimentação desta turma que concluiu o Ensino Médio no ano de 2005, no Colégio Ireno Alves do Santos, na comunidade Arapongas, no Município de Rio Bonito do Iguaçu. Esta pesquisa partiu do objeto-sujeito, jovens do campo do MST, sem perdermos de vista que estes jovens na sua maioria foram formados dentro de um movimento social, onde diante da opressão e exclusão as pessoas se descobrem e se aprendem como sujeitos de direitos, ARROYO (s/p). Então, será que poderíamos dizer que os movimentos sociais, (neste caso o MST), têm influências para que esta movimentação juvenil aconteça? Para Arroyo (s/a), as crianças, as mulheres os jovens e os adultos inseridos em um movimento vivenciam as mesmas situações limites do dia-a-dia e carregam consigo a educação formal ou informal suas experiências e aprendizados. Considerando esta reflexão, a presente pesquisa buscou contribuir para o entendimento sobre as experiências e trajetórias de vida do jovem do campo.

A pesquisa teve três momentos: a exploratória, momento em que tive a contribuição da ex-aluna Dalila Fabiane Kurpel Gonçalves, que sob minha orientação, realizou uma busca no assentamento, localizando seus colegas e detalhando onde estão, o que fazem atualmente e quais jovens poderíamos entrevistar e ter um contato para o estudo. Assim, pudemos definir, fazer uma análise e determinar o que eles entendem por jovem, para que a pesquisa pudesse definir seus procedimentos e delimitar os sujeitos (quantos e quais jovens seriam entrevistados).

Na fase investigativa, que ocorreu logo após a fase exploratória, fizemos as entrevistas com os e as jovens, almejando dar voz a estes sujeitos e fazê-los expressar suas relações cotidianas acerca do foco da investigação – a movimentação juvenil.

Por fim, a fase analítica, na qual analisamos os dados coletados, onde definimos que identificaríamos nossos jovens pela primeira letra de seus nomes e suas idades, pois nosso objetivo principal é a contribuição acerca da compreensão desta categoria e não rotulá-los. Com isso, buscamos compreender os

sujeitos entrevistados no seu contexto, sua forma de pensamento e expectativas de vida, possibilitando, a partir da articulação com a discussão teórica, levantar formas de intervenção e contribuir na formação desta juventude.

Esta “movimentação” foi investigada por amostragem nesta turma de estudantes, pois do total de formandos poucos puderam ser localizados, ou melhor, poucos pudemos ter a chance de entrevistar, pois alguns estão longe de sua comunidade e famílias, trabalhando e lutando por sua sobrevivência longe de suas raízes. Sendo assim, de uma turma de 15 estudantes, entrevistamos 5 jovens entre 18 e 21 anos, enfocando se a “movimentação” que ocorre em suas vidas tem a influência da formação de uma consciência e se esta consciência é formada pela trajetória de luta a partir da inserção no MST. Tínhamos no pano de fundo de nossas discussões, a partir da contribuição de ARROYO (s/p), uma indagação: em que medida a formação nos movimentos sociais pode ser vista como princípio, uma matriz educativa em nossas sociedades, que dimensões eles formam e que aspectos eles trazem para a teoria pedagógica e para o fazer educativo, tanto nas propostas de educação formal quanto informal?

Buscamos compreender, ainda, seu conceito de juventude e o que pensam e desejam para esta juventude. A escolha destes educandos se justifica porque partes deles foram participantes da ocupação da Fazenda Giacometi, em Rio Bonito do Iguaçu-PR, em 1996, estando inseridos nesta trajetória desde seu início, mesmo que ainda crianças.

Este trabalho é uma investigação que buscou analisar como os jovens integram o Movimento e o que levam, seus sonhos, medos e resistências. A pesquisa foi fundamentada em características do estudo de caso, o que comungamos como BELAS (1998) de que, assim, termos uma consciência mais clara de alguns fatores que contribuem para a construção do modo dos jovens serem e de atuarem no seu momento histórico; o objeto de estudos foi o sujeito, *jovens do campo*, sujeito este, com suas particularidades, seus sonhos e sua cultura, com um olhar atento da pesquisadora às circunstâncias particulares de cada sujeito a fim de melhor compreender a sua vida.

Não pretendemos apenas trazer no interior desta pesquisa angústias e medos, mas também alegrias, realizações e crescimentos. Buscamos obter o maior número de dados e fatos sobre nossos pesquisados, para que assim possamos ter referências para compreender suas vivências. (BELAS, 1998 s/p)

Não nos detivemos nesta busca apenas na investigação do êxodo do educando, mas sim seu movimento após o término de seus estudos em sua comunidade, baseados na concepção de Minayo (1994), onde os dados qualitativos nos remeterão a compreender a realidade por eles vivida. Também utilizamos entrevistas semi-estruturadas, que podem ser consideradas uma conversa entre pesquisador e informante, mas direcionadas ao objetivo da pesquisa, considerando que “da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa”. (QUEIROZ apud DUARTE, 2002, p.47) Após a realização das entrevistas, fizemos a transcrição delas para que pudessem ser analisadas sob as categorias: movimentação juvenil, movimentos sociais (MST), participação e comunidade, trabalho, estudo e juventude.

Portanto, adotamos a categoria “representação social”, entendida como “pensamentos, ações e sentimentos que expressam a realidade em que vivem” os jovens, levando-nos a “explicar, justificar e questionar essa realidade.” (MINAYO, 1994, p.71)

Também levamos em consideração a educação sistematizada, pois inúmeras indagações ocorreram dentro do Colégio Ireno Alves dos Santos, por isto, houve a necessidade de localizar a escolarização destes jovens e o processo da evolução da educação de Ensino Médio em nosso país.

O conceito de educação ao longo da vida deve ser encarado como uma construção continuada da pessoa humana, dos saberes, aptidões e da sua capacidade de discernir e agir. Contudo, o Ensino Médio, a princípio, foi pensado apenas como um modelo de formação para a elite, “Tendo apenas o Colégio Pedro II como referência oficial.” (Ramos, 2006, p. 51) Ramos (2006) relata que os debates e as reivindicações trouxeram à tona o direito de acesso à escola, reforma expressa nas políticas e na publicação da Lei de Diretrizes e Bases N ° 9394/96, como no artigo 22, que retrata o sujeito que tem uma vida, uma história e uma cultura, com necessidades específicas nas conquistas dos direitos universais e cujos conhecimentos serão construídos ao longo de sua vida.

Muitos avanços têm sido verificados nos últimos anos. No entanto, no que se refere à educação dos jovens do campo, mesmo sendo um grande contingente, pouco se fez para que estes sejam respeitados, reconhecendo as especificidades sócio-culturais dos sujeitos com conteúdos voltados para seus interesses. (GRITTI, 2003) A escola rural foi pensada como extensão da urbana.

“Pode-se afirmar que existe uma distância entre o acúmulo do debate sobre juventude urbana e juventude rural.” (Castro, 2005/2006, p. 117) Sem pensar o fato de que a educação não deve ser só preparatória para o mercado de trabalho, seja ele qual for, mas ela deve ser um direito de todos para que possam ter sua formação dentro da sociedade.

Considerando a importância que o jovem tem para o desenvolvimento do campo e o espaço que ocupa na sociedade como um todo, como educadora inserida no contexto destes jovens com os quais trabalhei e trabalho na escola, senti e ainda sinto a necessidade em reconhecer e identificar quais perspectivas e sonhos de mudança da realidade os jovens do campo, ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), trazem, fazendo com que, ao concluírem o Ensino Médio sintam uma maior necessidade de que em sua vida ocorra uma movimentação. Movimentação esta que, se buscarmos no dicionário, estará simplesmente assim definida: “Pôr-se em movimento” (Luft, 2000, p. 469); mas, no caso dos jovens ligados a um movimento social, precisamos refletir sobre a sua formação dentro dele, tendo em vista que para a concepção de Arroyo (s/a), “os movimentos sociais mexem com tudo porque neles os coletivos arriscam tudo. São processos educativo-formadores totais”.

A investigação buscou identificar se neste movimento da busca pelas suas concepções eles se realizam, se os seus objetivos são alcançados e se a partir daí são capazes de modificar a sua realidade quando esta não condiz com suas necessidades. Com isso, esperamos contribuir para o avanço do entendimento sobre as angústias, expectativas e necessidades dos jovens do campo, apontando reflexões e possíveis intervenções públicas para que o jovem do campo encontre em sua comunidade alternativas de participação econômica, trabalho e renda e participação sócio-cultural, levando-os a serem capazes de participar da direção política das organizações.

Alguns questionamentos orientaram a pesquisa e nos acompanharam desde o início: qual a trajetória de vida dos jovens do campo a serem pesquisados? Considerando que há uma movimentação juvenil, como e por que ela acontece? Meninas têm maior facilidade em sair de casa do que os meninos? Por quê? Enfim, em que medida a vinculação ao MST contribui para sua movimentação e que contribuições ela traz para suas vidas?

A pesquisa buscou apontar quais são os fatores essenciais nesta movimentação, tomando como base uma turma de 15 estudantes concluintes do Ensino Médio do Colégio Ireno Alves dos Santos, jovens moradores da comunidade Arapongas, no Assentamento Ireno Alves dos Santos, em Rio Bonito do Iguaçu.

As jovens e os jovens do campo e o quadro de suas vidas têm sido pesquisados sob diferentes enfoques e com muitas discussões. Todavia, compreendemos como Castro (2005/2006, p.117), que o debate deve considerar juventude não exclusivamente como uma população específica, mas, sobretudo a partir dos processos de interação social e as configurações em que está imersa.

A criança, o jovem, o homem de hoje precisam encontrar seus próprios caminhos, com sua própria capacidade, auxiliados pela escola e pela família. Para Arroyo (1998), o principal é organizar os grupos dos quais estamos falando, trabalhar com sujeitos reconhecidos; se estamos falando de jovens devemos entendê-los como jovens, respeitando seus tempos humano, cultural, mental e social, identificá-los, pois estamos falando de seres humanos, só assim acontecerá a formação.

A educação tem a função de socialização, desde que humanize o homem. Dentro das mudanças e crises que o país enfrenta, encontramos a "juventude do campo", vista como estudantes ou filhos de agricultores. Para Arroyo (s/a), os movimentos sociais educam não somente através de discursos de conscientização, mas pelas formas como agregam e mobilizam em torno das lutas pela sobrevivência. Assim também podemos perceber no processo de construção e expansão do MST, desde seu início, que há uma preocupação em preparar os jovens que nele estão inseridos, seja em sua organização, formação escolar ou para ser a liderança no grupo.

Podemos refletir que pode surgir da formação do sujeito dentro de um movimento a necessidade de o jovem do campo movimentar-se para a formação de um sujeito participativo dentro e fora de sua comunidade. Buscamos identificar se este jovem desenvolveu a consciência crítica, que, para Freire (2001), é a capacidade do sujeito em fazer o percurso da conscientização que vai da consciência ingênua, com uma frágil argumentação, sentindo-se incapaz e com pouca inteligência para o estágio de consciência crítica, ativa argumentação, coerente, capaz de interpretar fatos e problemas em direção às soluções, pois

quanto mais crítico e engajado mais rigoroso em relação às verdades e realidades sociais.

Portanto, ao nos colocarmos como formadores de sujeitos devemos conseguir fazer com que eles passem da consciência ingênua para consciência crítica, se desalienando e sendo capazes de intervir criticamente dentro de seu contexto, não mais reproduzindo conhecimento, mas sim somando às suas novas formas de se posicionar, reconhecendo a realidade e se comprometendo com ela. Com isso, podemos dizer que todos (a família, os amigos, as autoridades, os professores, os meios de comunicação, os clubes de serviços, a igreja, os profissionais da saúde) somos responsáveis pelos sujeitos que formamos.

Entendemos, além disso, que somos também responsáveis pela formação dos sujeitos com espírito de luta, adultos líderes em seu meio. Neste processo de estudos e aprendizados, esta pesquisa buscou proporcionar reflexão e análise sobre a construção de vivência do sujeito jovem do campo.

CAPÍTULO II - O QUE É SER JOVEM DO CAMPO: UMA PEQUENA DELIMITAÇÃO

“(...) adulto você vai ficar até os 70, 80; jovem não, é uma fase única que só quem é sabe”. (D. 19 anos)

Ao buscar compreender o conceito de juventude em nossa pesquisa nos deparamos com várias formas de identificar esta categoria; portanto, apesar de buscarmos essa definição teórica em alguns autores, também recorremos aos próprios pesquisados para essa definição, pois buscaremos identificá-los como sujeitos sociais que, como tais, constroem seu modo de ser. Definição esta que não será meramente biológica, como traz Margulis (apud Janata, 2004, p.55), mas devemos ter “entendimento da juventude enquanto construção histórica e social. A condição etária não é somente biológica sendo a idade processada pela história e pela cultura”. Pois, também concordando com Pais, (1993, p.34), que diz:

(...) a juventude tanto pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituída por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, principalmente definida em termos etários, como também pode ser tomada como um conjunto social, cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si.

Assim, o autor nos chama a atenção para nossa análise, que estará associada à segunda concepção acima exposta. Poderíamos nos indagar por que não analisar outras categorias como a infância ou adolescência, pois os jovens não são os primeiros sujeitos ativos da história; mas aqui estamos retratando um sujeito com múltiplas leituras, que para Schmitt (1996, p.08), se caracteriza por seu caráter de limite entre a infância e a idade adulta, onde tudo é definitivo, pois é jovem é não criança, mas também ainda não é adulto. Assim, é ter e não ter autonomia, ter e não ter liberdade, ainda mais, se enfocamos especificamente “jovens do campo”.

Em falas de nossas entrevistas pudemos constatar que mesmo tendo alguma autonomia, como a escolha das amizades que irão lhes rodear, as músicas que escutarão, seus estilos e suas opiniões políticas, os jovens camponeses precisam de auxílio nesta fase e não somente, como o autor explicita, pois não é apenas na infância que o sujeito é dependente, pois como diz uma de

nossas entrevistadas: “A gente está sempre precisando de alguém auxiliando em tudo; a gente precisa mais de auxílio do que as crianças”. (C. 19 anos)

Diante do que relata nossa jovem sobre suas incertezas, constatamos que este auxílio é para que se sintam mais fortes e para esclarecer dúvidas, pois “não é infância, não é adolescência, não é adulto; é um momento diferente”. (C. 19 anos)

Também observamos que para os nossos entrevistados não existe um corte definitivo das outras fases da vida para a juventude quando se referem ao trabalho por eles desenvolvidos na propriedade; isso acontece naturalmente, então concordamos com Arroyo (2006). A infância, a adolescência e a juventude se misturam quando se refere ao trabalho no campo, pois são inseridos precocemente na lida do dia-a-dia.

Entretanto, para os pais, por mais conflitos que seus filhos enfrentem, os jovens não têm tempo para demonstrar angústias e sonhos, estão trabalhando, estudando e ficando adultos sem perceber. Então, para que possamos ter uma leitura de juventude, precisamos observar a diversidade que cerca os jovens e seu crescimento dentro de seu contexto, entender suas especificidades, como idade de formação, sem nos determos em recortes rígidos de idade. “Juventude é além de uma categoria que representa identidades sociais”. (Castro, 2006) Nossa contribuição será sobre a diferenciação dos grupos ou das classes sociais e analisar, a partir da especificidade dos jovens camponeses, quais os sonhos, angústias e expectativas em sua vida. Portanto, não podemos “falar genericamente de jovens, sem precisar quais são os efeitos dessa diferenciação”. (Schmitt, 1996, p.14)

Nas falas feitas pelos jovens pesquisados foram apontados vários conceitos de juventude, não homogeneamente, mas com alguns pontos em comum, tais como: ser jovem é ser livre para pensar o que quiser, mas com responsabilidades, responsabilidades estas observadas por nós como sendo específicas da trajetória de vida destes jovens marcados por um espírito de luta e de expectativas em seu cotidiano. Como nestes relatos:

Toda a idade é única, mas essa é a única essa fase de ser jovem vai ser sempre única; você vai virar adulto mas adulto você vai ficar até os 70, 80, ser jovem não, é uma idade que só quem tem sabe. (D. 19 anos)

Para ser jovem você tem que ser livre, mas ser livre com limite tudo tem limite ser jovem também é ter limite para tudo. (S.19 anos)

É primeiramente saber seus deveres e direitos, trabalhar, estudar se divertir também e ter pensamento positivo sobre tudo, não adianta ser jovem e ser desanimado, você tem que ser positivo, ter um bom comportamento na sociedade e ser uma pessoa alegre e espontânea. (P.18 anos)

A fase das indecisões, das dúvidas, você tem fraquezas e se acha forte é estar sempre em luta, buscando algo melhor tendo sonhos. (C.19 anos)

Com isso, concordamos com Stropasolas (2006), quando escreve que:

Ao se referir à categoria juventude rural, inúmeras agentes e instituições externos, que pensam ou representam as políticas e as intervenções no espaço rural, o fazem desconsiderando ou não problematizando a heterogeneidade presente entre seus membros. Este descuido alcança também os pesquisadores de campo, podendo prejudicar seriamente os resultados esperados, tendo-se em vista que as iniciativas, em grande parte das vezes, não alcançam as expectativas e os anseios diversos que atualmente caracterizam os (as) jovens.

Apesar de relatarem que é o melhor tempo de suas vidas, os jovens pesquisados apontam para inúmeras dificuldades existentes encontradas; eles têm sonhos de estudos e trabalhos, mas que se tornam de difícil alcance se não tiverem acesso às políticas públicas voltadas aos jovens que vivem no campo, dentro de um assentamento de reforma agrária.

Constatamos em nossas entrevistas que os jovens não estão saindo dos assentamentos somente atrás de trabalho e sim para desenvolver outras atividades pertinentes a sua idade, como estudo, namoro, cursos e re-encontro pessoal. Concordamos com Arroyo (1998), pois identificamos o trabalho como essencial na formação do sujeito, mas pensando este sujeito com seus valores culturais, livres e autônomos para a constituição de sua liberdade pessoal e coletiva. Como podemos ver nos relatos dos seguintes jovens: “Saí para estudar, mas pretendo voltar”. (C. 19 anos); “Alguns amigos meus que se formaram comigo, já casaram e alguns desses já saíram daqui”. (D. 19 anos); “Fiz vestibular para Pedagogia na cidade vizinha e comecei a cursar”. (M. 21 anos)

Os jovens do campo em questão deixaram claro em seus relatos que uma pessoa só deixará de ser jovem quando seus sonhos não fizerem mais parte de suas vidas, se não tiverem forças para lutar e mudar sua condição de vida se estas não mais lhes forem satisfatórias. Acreditam que o processo da passagem

da fase da juventude para a fase adulta deva ser construído a cada dia para transformarem-se em sujeitos adultos que amam, sofrem, divertem-se e, principalmente, que pensam a respeito de suas condições e expectativas de vida.

Portanto, não podemos analisar os jovens do campo somente na teoria, devemos saber e respeitar suas vivências, principalmente quando nos referimos a jovens moradores de um assentamento e que carregam consigo uma trajetória de luta, resistência e crescimento em suas vidas.

Para falarmos de juventude, analisamos como Abramo (2005, p. 42), que diz:

É preciso levar em consideração as mudanças historicamente impressas a essa condição, que exigem a ampliação do foco da análise. E foram muitas as mudanças ao longo de todos os séculos passados, trazidos por transformações econômico-sociais, no mundo do trabalho, no campo dos direitos (por exemplo, as resultantes da coibição do trabalho infantil e a extensão da escolarização), e da cultura (uma intensa valorização da imagem e valores juvenis).

Assim, ao falarmos ou escrevermos sobre jovens, devemos ser capazes de refletirmos sobre nossa própria condição de educadores e ter a oportunidade de ampliar nossos conhecimentos a respeito destes jovens, analisar que a escola é também, mas não o único referencial para formação de um jovem consciente e participativo, pois isso decorre de vários fatores como sua constituição familiar, seu grupo de amigos, sua cultura, sua identidade e sua inserção geográfica. Neste caso, por estarem engajados (mesmo que parcialmente) a um movimento social é que lhes é possível auto-questionarem-se e questionar a realidade. A análise também não deve existir somente em pesquisas como ação de conhecimento, mas como ação de reflexão diante dos jovens do campo, como sujeitos que se posicionam e se constituem socialmente.

2.1 Terra-Trabalho ajudando a compreender os e as jovens do campo

Neste texto estaremos trazendo algumas questões do desenvolvimento agrário do campo que engloba a monocultura, o agronegócio e de como este projeto de campo acaba expulsando os camponeses, por não permitir sua sobrevivência na e da terra. Resgatamos a questão da modernização conservadora, da revolução verde e de como isto trouxe para o Brasil a expulsão dos trabalhadores camponeses do campo.

A luta pela não dominação e exploração do desenvolvimento capitalista vem sendo uma constante ao longo de muitos séculos, realizada pelos índios, escravos, imigrantes, assim como pelos trabalhadores camponeses.

Com a militarização do Brasil no golpe de 1964, houve no país um retrocesso, pois os projetos implantados pelos militares só fizeram aumentar as desigualdades no país e, com isso, o êxodo rural aumentou significativamente. (Stédile; Mançano, 1999)

De meados dos anos 50 até o final dos anos 60, com a mecanização de forma capitalista das lavouras, o uso de sementes melhoradas e agrotóxicos fez com que houvesse um aumento na produção agrícola; com isso, muitas famílias foram expulsas de seus trabalhos no campo, não necessitando mais de sua mão-de-obra. Então, nos anos 70 houve uma explosão de lutas camponesas no país e por isso a militarização veio trazer confrontos violentos com os camponeses.

No início dos anos 80, iniciam nos estados do Sul, em São Paulo e em Mato Grosso do Sul as primeiras ocupações de terra e o processo de formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

A construção do Movimento se constituiu na interação com outras instituições, especialmente a Igreja Católica, por meio da CPT. Aprendendo com história da formação camponesa, na sua caminhada o MST construiu o seu espaço político, garantido a sua autonomia, uma das diferenças com os outros movimentos camponeses que o precederam. (Mançano, s/p)

Essa construção trava uma luta contra o capital e pela conquista da terra e da reforma Agrária ao longo dos séculos. Nos anos 90, a agricultura camponesa ganha uma nova dimensão quando a FAO - Órgão das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação - traz relatório de uma pesquisa nacional, na qual demonstra a sua sustentabilidade com experiências nos assentamentos. Havia de se pensar em uma nova forma de luta sobre o latifúndio. Como escreve Mançano (s/p), "Durante séculos, o desenvolvimento do campo esteve referenciado nos padrões do latifúndio e da agricultura capitalista. Agora será preciso pensar um modelo para a agricultura familiar, em que o campesinato seja o principal protagonista".

Com isso o MST ganha força e se transforma em um dos maiores movimentos sociais a lutar contra as políticas de dominação do país. Mas também há um grande aumento do desemprego e dos latifúndios, assim, surge um grande número de diferentes movimentos sociais que lutam pela conquista de seus direitos coletivamente.

Entretanto, todas as lutas travadas pelos movimentos ainda não conseguiram uma mudança representativa na estrutura do poder latifundiariamente constituído. Assim, “a luta pela Reforma Agrária passa ser uma das principais políticas do século XXI. E não é uma luta do passado. É uma luta do presente e do futuro, por construir”. (Mançano, s/p)

Portanto, devemos aqui ressaltar a importância do MST para a luta efetiva da permanência dos trabalhadores no campo. Essa concepção de luta é percebida nas falas e sonhos de nossos jovens. No decorrer da caminhada com nossa pesquisa, encontramos nossos jovens entrevistados, que desde pequenos são marcados pela luta e pelo trabalho, pois precisam acompanhar seus pais na roça e desenvolver trabalhos que, na ótica de professores que vivem nas cidades, poderia ser considerado pesado, mas, para eles, apesar de terem as mãos calejadas, dizem ser um trabalho um pouco difícil, mas normal, considerado como uma forma de sobrevivência, mas também uma forma de resistência perante a imagem negativa que os moradores de um assentamento carregam consigo.

“O trabalho, fonte e condição básica para a sobrevivência e reprodução dos membros familiares, é afirmado como um atributo singular do caráter familiar na agricultura, cujas peculiaridades e contornos procuram ser transmitido para as futuras gerações, embora com representações diversas nas gerações atuais”. (Stropasolas, p. 115, 2006)

Assim, analisamos que os jovens camponeses, mesmo sem muitas perspectivas de dar continuidade ao trabalho na agricultura e dali retirarem seu sustento para si e para as novas gerações que irão se formar, continuam trabalhando na terra, mas esta relação de amor pela terra ainda existente em sua vida, amor este passado de pai para filho, pode se desgastar com a falta desta perspectiva e incentivos salariais por parte dos pais aos filhos que trabalham, e raras vezes são remunerados por este trabalho em casa. Vivemos em um mundo capitalista, onde se impõem como valor central à necessidade de ter e consumir. Com isso, acabam fatalmente procurando fora dali seus sonhos e outra forma de sobrevivência; todavia, afirmam que “O tempo em que estamos em casa estamos convivendo com a terra.” (P. 18 anos)

No entanto, vimos que quando há uma participação dentro da comunidade com estudo ou trabalho (remunerado), como encontramos em nossas entrevistas, há o desejo de permanecer no assentamento e fazer a diferença dentro

de sua comunidade. “Trabalho como educadora em minha comunidade, não pretendo sair daqui tão fácil.” (M. 21 anos) Participação esta que, assim como Freire, (2001), definimos como o homem sendo capaz de transformar, pois, nas palavras do autor: “O homem se identifica com sua própria ação: objetiva o tempo, temporaliza-se, faz-se homem-história”.

Nas observações, vimos que a maioria dos jovens de nossas entrevistas está estudando, mas encontram dificuldades para isso; esse estudo só acontece com muito sacrifício e fora do assentamento, assim perdendo em parte sua identidade.

Saí para estudar, se o estudo fosse lá teria um benefício grande, porque desde o momento em que a gente sai de casa você está gastando. Aqui nós teríamos tudo desde a alimentação que a gente produz na terra, assim não teríamos que investir fora o que a gente já teria lá na casa na própria terra. (C. 19 anos)

Minhas perspectivas não estão fora do assentamento; se alguém fizer algo aqui para nós por que eu vou sair? (S. 19 anos)

Com isso, analisamos como Carneiro (2005, p. 250) que: “A grande incidência de jovens que moram no campo e trabalham na cidade pode ser interpretada também como decorrência de uma nova realidade na qual o jovem procura combinar a resistência na localidade de origem como o trabalho na cidade”. Quais perspectivas estes jovens têm dentro do assentamento se para estudar ou trabalhar (para o que são mais audazes), eles precisam sair? Mesmo os que voltam não serão mais os mesmos, pois sua formação passa a carregar consigo culturas e costumes que não são os seus.

Aqui precisamos recorrer a Kuhn (apud Fernandes; Molina 2004), para que possamos assim definir paradigma.

Paradigma são as realizações científicas universalmente reconhecidas e que fornecem problemas e soluções para as questões da comunidade científica. Essas realizações são processos de construção do conhecimento que elaboram teorias, sofrem rupturas e superações por meio do que Kuhn chamou de revoluções científicas.

Entendemos, então, que os paradigmas são áreas teóricas e políticas que vêm a contribuir para que se possa transformar a realidade. Assim, podemos explicitar que nossos jovens vêm sendo formados desde o paradigma da Educação do Campo, que se constitui e ao mesmo tempo é constituído no interior do

Movimento, pelos protagonistas do campo. No paradigma da Educação do Campo, “o campo não pode ser visto somente como lugar da produção de mercadorias, mas como um espaço de vida”. (Fernandes; Molina idem, 2004)

Para a construção desse processo houve a necessidade de estudos e pesquisas sobre as diferentes realidades de campo pelas diversas organizações e movimentos sociais, como: Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), Unefab (União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil), Arcafar (Associação Regional das Casas Familiares Rurais) e MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), em todos os níveis.

Hoje, a Educação do Campo está presente em diferentes órgãos e instâncias governamentais, sendo incorporada também pelo Condraf (Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável), havendo grupos de estudos temáticos formulando subsídios para os conselhos estaduais e municipais. Isto demonstra que o processo de construção desse paradigma opõe-se à destruição do território camponês através do agronegócio para que assim o camponês não seja transformado em outro sujeito com esse modelo de desenvolvimento.

Essa oposição é tudo que o paradigma da educação rural representa, o fortalecimento da exclusão, a produção em larga escala, uso desenfreado dos agrotóxicos e o não reconhecimento dos saberes dos trabalhadores do campo e na sua possibilidade de transformar sua realidade, pois este paradigma tem no princípio de sua formação a concepção latifundiária de que o campo é um lugar atrasado e estereotipado, a esse latifúndio não interessam as idéias divergentes do paradigma da Educação do Campo.

Cabe aqui nossa preocupação a respeito da saída, mesmo que temporária, dos jovens do campo para as cidades, pois o capital poderá distorcer suas concepções e, assim, poderão perder forças perante a luta de oposição à educação rural, pois analisamos como (Fernandes; Molina idem, 2004) que:

O paradigma do rural tradicional tem criado nos últimos anos uma série de necessidades para os povos que vivem no campo, a exemplo de muitos acreditarem que somente podem concorrer como capitalismo se desenvolver a sua produção com base em um sistema de informação e de tecnologia, o mesmo utilizado pelas grandes indústrias agrícolas.

Então, analisamos em nossa pesquisa que precisamos de políticas embasadas no paradigma da Educação do Campo de ensino superior e de trabalho voltadas para a identidade do campo, respeitando suas diversidades e que lhes tragam perspectivas de trabalho e estudo que possam ser desenvolvidos para eles e com eles. Estas políticas deverão levar em conta que tipo de trabalho e estudo poderão ir ao encontro dos desejos dos jovens do campo, se quando falam sobre trabalho vêm nele uma forma de se engajar no mercado de trabalho sem pensarem em jornada de trabalho, salário ou carreira. Isso deve ser pensado desde a preocupação com a formação e a participação dos jovens no campo. E isto poderá ser possibilitado a partir de estudos direcionados a conhecimentos que lhes farão algum sentido em sua existência, considerando sua experiência na roça e no trato com animais, pois até a conclusão do Ensino Médio estes jovens gostam de onde moram e de sua vida no campo, mas de repente se deparam com uma realidade pouco estruturada e vêem que precisam sair para continuar a estudar.

E tudo que lutaram até então? Como suas concepções caem por terra? Com isso, terão que enfrentar lá fora do assentamento sua nova vida, e, na maioria das vezes, encontram com pessoas que não os compreendem. Resistem por algum tempo, mas já não lutam para defender suas concepções como antes.

Neste sentido, observamos que a qualidade das relações sociais dos meios em que estão inseridos e a estrutura familiar desempenha papéis importantíssimos para estes jovens, pois é o que vai dar sustentação para sua formação humana, fazendo com que não haja desgastes nesta migração parcial para a cidade (como custear seu filho indo e voltado para estudar ou trabalhar na cidade). Assim, o jovem não migrará definitivamente para a cidade, até mesmo porque migrar não significa resolver seus problemas, uma vez que a condição de classe não o permitirá garantir sua sobrevivência também nas cidades, pois é notória a questão do desemprego ou dos empregos informais, isto é, a precarização do trabalho presente em nossa sociedade.

Para estes jovens o trabalho no campo é pesado e mesmo executando todos os dias estes trabalhos, além de ver seus pais executando sempre a mesma tarefa, ainda sofrem o preconceito de que o lugar onde moram é um lugar de atraso e sem evolução. Eles buscam ter acesso a esta evolução, todavia isso, na maioria das vezes, só é encontrado fora dali, pela publicidade e conceito de que na cidade tudo é mais fácil e atrativo. Como nos traz uma jovem: “O interior é assim, ele

pára um pouco no tempo, a gente pensa que é bom só ter aquela casinha no campo tirar o leitinho da vaca e voltar para dentro, só essas coisas deixam a gente meio como vontade de explodir.” (D. 19 anos)

Apesar de nos defrontarmos com uma questão importantíssima que é a questão de gênero, observamos que quando são desenvolvidos um trabalho ou estudo, meninas ou meninos saem para desenvolvê-los sem sofrerem nenhum preconceito. Mesmo reconhecendo que ainda há uma grande incidência disso acontecer com os rapazes. Observamos que isso pode estar ligado à inserção destes jovens no MST. Assim, como escreve Vendramini (apud Janata 2004, p. 59):

Desse modo, identificamos que as relações de gênero são uma demanda histórica que começam a ser trabalhada pelo MST, por ser ele “um movimento de massas que pressupõe a participação de todos os seus integrantes nos momentos de luta: mulheres e homens, jovens, adultos e crianças”.

As pesquisas de autores já citados constataam que os jovens debatem sobre essa questão e que este é o anseio de quase todos: ter uma atividade, pois o trabalho que desenvolvem no seu dia-a-dia dentro de suas propriedades não é mais atrativo para eles, consideram que somente são explorados e isso se percebe que é oriundo de sua visão autônoma e de sua consciência mais crítica: “A pessoa que participa do MST começa a se sentir diferente, com espírito mais cooperativo de união com as outras pessoas.” (P. 18 anos)

Neste sentido, pudemos perceber que a escola desenvolve um papel importantíssimo na vida destes jovens, pois ali eles vêem um espaço para estudo, encontro com outros jovens e principalmente um escape para sua rotina. “O colégio foi para mim quase tudo, um período completo.” (S. 19 anos) “Foi no colégio que tive diversas mudanças em minha vida.” (D. 19 anos)

Então podemos constatar que no contexto desses jovens a escola é um dos poucos espaços além da família, em que encontram apoio, podem estabelecer trocas, elaborar projetos que darão sentido à suas vidas.

S., 19 anos, é um rapaz pronto para desenvolver alguma atividade dentro de sua comunidade desde que exista essa atividade, e que não o excluam dela, pois sempre que é chamado para colaborar é participativo. “Sei lá, deveria ter algum projeto para o cidadão, sempre que posso eu estou no meio participando, ajudando a comunidade.” (S. 19 anos)

A pesquisa, então, identifica que os jovens do campo, em especial do assentamento Ireno Alves dos Santos, revelam que suas perspectivas não estão somente fora do assentamento, mas sim que possuem necessidades semelhantes aos demais jovens rurais ou urbanos de se realizar como cidadãos com direitos e deveres e que esses direitos devem partir de políticas metodologicamente elaboradas para suas concepções, para que seus espaços sejam respeitados e sua identidade valorizada.

2.2 Comunidade e participação

Os jovens da pesquisa são moradores de um assentamento que faz parte de um movimento social, o MST, que luta para combater as desigualdades sociais, conscientes de seus direitos e que conseguem formar uma comunidade com pessoas com o mesmo objetivo.

Para Arroyo (1998), os movimentos sociais, diante da opressão e exclusão que avançam, terão de retomar com mais radicalidade e não abandonar a produção da existência enquanto matriz e princípio educativo, formador-deformador. Só assim serão percebidos como educadores por excelência das camadas populares.

No entanto, vemos que depois que já estão assentados, grande parte dos jovens não encontra uma forma de participar na comunidade como acontecia quando estavam acampados, não existe mais dentro do Movimento uma política de participação que englobe a todos, eles não encontram mais motivos para lutar e se acomodam, pois têm limitações quanto ao espaço de participação dentro do Movimento, de sua comunidade e, principalmente, em casa.

Nas respostas dadas nas entrevistas, constatamos que nossos jovens têm uma consciência crítica mais acentuada do que alguns jovens que encontramos na zona urbana, e pensamos ser justamente por participarem de um movimento social; então, por que estes não têm vez nem voz para tomar decisões consideradas importantes dentro de sua comunidade? Estão sendo ouvidos quanto a seus desejos e necessidades? Há espaço e estímulo para que se organizem como Movimento dentro do MST?

Tentando entender a relação Jovem/MST, fizemos a seguinte pergunta aos nossos entrevistados: qual a sua relação com o MST? Obtivemos como respostas as seguintes afirmações:

“Não tenho nenhuma relação eu não participo de nenhuma atividade desenvolvida pelo MST”. (D. 19 anos)

“Tenho apenas contato com pessoas envolvidas nos programas” (M. 21 anos)

“Só em reuniões para documentação da terra” (C. 19 anos)

“Eu não tenho, meu pai tem, senão não teria a terra” (S. 19 anos)

“Eu praticamente não tenho, quem tem é meu pai”. (P. 18 anos)

Contudo, nossos jovens, mesmo não tendo muita participação, respeitam e têm falas significativas sobre o a luta do Movimento Sem Terra, como podemos observar:

“Acho que o MST contribui muito para o sujeito melhorar”. (D. 19 anos)

“Ensina o sujeito a lutar sempre a não desistir, porque é uma luta constante”. (M.)

“O povo se manifesta e a pessoa pega valor para lutar”. (S. 19 anos)

“Por mais que uma pessoa seja individualista começa a se sentir diferente com espírito mais cooperativo de união com as outras pessoas”. (P. 18 anos)

Apesar de constatarem que o Movimento foi e é importante para suas vidas, grande parte dos jovens não participa mais de nada muito importante e não sabe o que está sendo desenvolvido no Movimento, que até então era sua base de luta.

Nossa inquietação se justifica pelo fato de que observamos e acima descrevemos que alguns fatores como autonomia e senso de responsabilidade normalmente estão ligados ao fato destes jovens estarem inseridos num movimento social em sua trajetória de vida. Então, podemos analisar que se não tivermos políticas voltadas para o desenvolvimento participativo dos jovens dentro dos assentamentos os movimentos sociais poderão cair na armadilha de somente formar os assentamentos, mas após isso esquecer destes jovens.

A participação dos jovens entrevistados dentro da comunidade se restringe em fazer parte de grupos de catequese, jogos e pequenos bailes que, na

sua maioria, são elaborados por eles mesmos para fugirem do grande tédio que acaba se tornando suas vidas sem um projeto que venha incorporar a juventude dos assentamentos. Então, cabe aqui fazer algumas indagações: por que os jovens moradores deste assentamento não têm uma participação mais ativa dentro do Movimento? Que dificuldades o Movimento encontra para integrar esses jovens? A organicidade interna do Movimento dá conta de integrar e sustentar a participação juvenil?

Não podemos esquecer que estamos analisando as expectativas, sonhos e angústias que os jovens trazem e não podemos analisar estes conflitos a partir da imaturidade, pois relatamos anteriormente que por participarem desde criança da luta e do trabalho na roça eles amadurecem mais cedo. E este amadurecimento de pouco lhes serve, pois têm poucas expectativas em desenvolver um trabalho voltado para o trabalho na roça, mas diferente em condições econômicas das que seus pais executam no dia-a-dia.

Aqui a nossa intenção não é a de fixar idade para o ser jovem, como fazem as estatísticas, pois os nossos entrevistados não apresentarem esta concepção do que é ser jovem. Por outro lado, faz-se necessário constituir a fase de ser jovem para fins de que se possam reivindicar políticas públicas que atendam as especificidades destes sujeitos, que estão entre a adolescência e a fase adulta. Sobre políticas públicas, Abramo (2005, p.67) afirma que:

É preciso pensar em opções (ou modalidades) dessas políticas, para atender às distintas situações e trajetórias pelas quais os jovens, concretamente, vivem os processos referentes a esta etapa, como uma maneira talvez mais eficaz de perseguir a concretização de direitos universais, pelo atendimento diferenciado de necessidades desiguais.

Contudo, aqui cabe ressaltar a falta de políticas para que os jovens possam interagir com a comunidade onde vivem. Observamos que estes jovens sentem que não têm direito à diversão, participação e, principalmente, o que constatamos é que além de participação, sentem a necessidade de continuar seus estudos e se formar em uma universidade que lhes dê trabalho, mas este trabalho direcionado para o campo, como fica claro nesta fala: “A minha vontade é de sair trabalhar, estudar e poder ajudar aqui, até porque o curso que tentei foi agronomia, então eu poderia trabalhar com coisas da terra.” (D.) Então, para compreendermos

esses direitos, recorremos a Arroyo (2005, s/p), quando afirma que esses direitos são de sujeitos concretos, históricos; não são direitos abstratos. E ainda conclui:

Temos que defender o direito à educação como direito universal, mas como direito concreto, histórico, datado, situado num lugar, numa forma de produção, neste caso da produção familiar, da produção agrícola no campo; seus direitos têm trajetórias humanas, de classe, de gênero, de etnia, de raça, em que vão se construindo como mulheres, indígenas, negros e negras, como trabalhadores, produtores do campo... Enfim, sujeitos históricos concretos.

A fala de nossa jovem demonstra que precisa “sair” para atingir seus objetivos. Então, nos perguntamos: será que esta jovem e outros que estão saindo para estudar e trabalhar retornarão de fato à sua comunidade? E em que condições, que paradigmas estarão defendendo após seu retorno? Irão ao encontro das concepções de campo? Como será seu trabalho com sua comunidade?

Indagações estas que de início não nos eram tão aparentes, mas que no decorrer da investigação vieram a nos preocupar, pois estamos investigando seus sonhos, suas angústias e expectativas e nos deparamos com sonhos que acabam por se distanciar de sua comunidade, como o de estudar e trabalhar, angústias em saber como conseguirão fazer isto sem uma participação desencadeada pelo auxílio do Movimento e expectativas de adquirirem bens para seu conforto e comodidade sem se tornarem consumidores desenfreados, pois o capital urbano a que nossos jovens têm acesso, como qualquer jovem urbano, tende a demonstrar que só o que é caro e bom e faz bem, corrompendo com muita facilidade os que nele estão inseridos.

Tudo isso nos remete a analisar que os pais, a comunidade e principalmente os movimentos sociais precisam levar em conta a capacidade do jovem em se organizar, participar e liderar, valorizando sua formação e sua inserção dentro de uma comunidade e de um movimento social, para que juntos encontrem novas perspectivas de realização dos sonhos, supram suas angústias e sejam capazes de indignar-se. Lutar coletivamente em defesa de sua condição de ser ideologicamente um Sem Terra que tem orgulho da terra conquistada, como relata nosso jovem, que se emociona ao lembrar da luta e ao narrar a emoção de seu pai quando da conquista desta terra:

A gente tem as imagens da ocupação, da entrada no portão, quando todo o povo alegre e contente por estar conseguindo. O que mais marca como

conta meu pai é o espírito de cooperativismo que o pessoal teve, pois todos estavam em busca do mesmo sonho, conseguir um pedaço de chão para sustentar sua família, estavam todos unidos, todos com o mesmo espírito, com o mesmo sonho e era a união que prevalecia naqueles dias. (P. 18 anos)

Essa luta não foi e não está sendo travada sozinha, precisa de muita “gente” para que os sonhos se tornem reais. No entanto, sozinhos é como se sentem os nossos jovens que travam novamente uma luta para serem reconhecidos como “gente” de verdade.

CAPÍTULO III - O QUE CHAMANOS DE “MOVIMENTAÇÃO”

*“(...) Estou aqui, como? Já sei!
Pelas dificuldades que passei, até
barraco de lona preta já enfrentei, mas
o importante é que delas eu passei.
Por que estou aqui?
Já sei! Porque meu pedaço de chão
conquistei... será que voltarei a passar
por elas? Talvez!
Mas o que importa é que aqui estarei.”
(Micheli Souza, 2007)*

Nossa pesquisa trata da “movimentação” que os jovens do campo, especificamente no contexto de um assentamento do MST, fazem em sua vida, o que faz com que sintam a necessidade de não ficarem em um único lugar e sim desbravarem novos caminhos que os levarão a se arriscarem mais, com dúvidas e preocupações, mas sem medo de errar para realizar seus sonhos.

Foi exatamente este movimento que despertou em nós inquietações, tais como: para onde esse movimento leva nossos jovens? E o movimento de retorno acontece por quê? A movimentação não se refere simplesmente ao fato do jovem “sair” do campo, até porque pensamos que esta saída são reflexos de inúmeros fatores que aqui não nos coube dar conta.

Apesar da nossa pesquisa não estar direcionada para este fator, não podemos deixar de constatar o êxodo para as cidades, existente entre os jovens do campo, com o intuito da formação de um projeto de vida individual e diferente daquele que se desenha para ele, enquanto camponês, aqui testemunhado em nossas entrevistas:

Eu fui trabalhar na capital do Paraná em Curitiba, lá eu trabalhei nove meses, no mercado como repositor, ganhava um salário médio, bem médio como repositor que não tem futuro nenhum, e não dava mais senti que o cargo estava pesado para mim, difícil acabei pedindo demissão. (S. 19 anos)

Bom eu moro na comunidade Nova Estrela, mais conhecida como grupo 68, e eu fui uma das únicas jovens que permaneci na comunidade, a única porque meus amigos eram 12 jovens, aqueles que foram embora antes e os que estudaram comigo até 2005 todos foram embora e eu fui a única que permaneci naquela comunidade Nova Estrela, os outros todos foram trabalhar, todos saíram trabalhar, alguns casaram, é claro, mas todos saíram, foram embora para Santa Catarina, lugares longe, até para Bahia

foram alguns, então eu sou a única jovem sobrevivente na comunidade. (D. 19 anos)

Esta necessidade em migrar não é uma especificidade do jovem do campo, poderíamos dizer que é o desejo de agir e interagir, um processo sócio-cultural da juventude de uma forma geral, que busca novos caminhos e sentidos para sua vida. Além disso, há a questão da constante busca por melhores possibilidades de sobrevivência, imposta aos trabalhadores do campo ou da cidade pela condição do modo de produção capitalista de desigualdade social, econômica e cultural.

Esta necessidade em dar rumo à sua vida vem acompanhada da necessidade da renda com que irão adquirir bens de consumo para que com isso identifiquem-se com outros jovens membros de sua “tribo”; com isso, não podemos deixar de comungar com Janata (2004):

Buscamos estar ancoradas nas análises das condições materiais e históricas do trabalho imerso numa sociedade capitalista (Machado Neto, 1984), isto significa dizer que ao olharmos para as jovens do MST não podemos perder de vista que esse movimento social embora lute pela transformação social, nasce do interior do sistema produtivo capitalista, carregando em seu cerne as contradições decorrentes do mesmo.

Esse materialismo carrega consigo o saber de que para atingir o respeito dos adultos em sua comunidade, o jovem precisa se sobressair em suas perspectivas de trabalho, mesmo que estas perspectivas estejam fora da agricultura.

Aqui buscamos compreender o movimento dos jovens através de análise e observações a partir das entrevistas realizadas com os jovens do campo moradores do Assentamento Ireno Alves dos Santos, sujeitos de nossa pesquisa, os quais puderam expressar em nossas entrevistas seus sentimentos de angústias e sonhos. Pois, assim como Silva (2006, p.96), “buscamos compreender os jovens como sujeitos de ação: nas relações com suas famílias e suas comunidades, nas vivências especificamente juvenis e nas experiências e aprendizados junto a organizações do campo”.

Com a análise dessas idas e vindas dos jovens, buscamos compreender se estão ligadas aos desafios que a juventude pretende enfrentar para sua construção social, na qual apenas ficar estagnados não condiz com suas necessidades, precisam buscar mais, arriscar mais, se sentirem parte integrante da sociedade. Assim como afirma Margulis (2000), essas características são

identificadas como moratória vital, pelo sentimento de imortalidade e liberdade presente neste tempo de vida.

Além disso, caminhamos no intuito de analisar se para eles a descoberta de novos desafios lhes dá motivos para esta não estagnação, se nesta perspectiva alimentam sonhos, vivem no presente, mas acreditando nas possibilidades de intervir no futuro.

Alguns relatos gravados e posteriormente transcritos para análise nos mostram que os jovens, em seus sonhos, estabelecem uma indecisão, de que a vida fora de sua comunidade lhes trará a realização almejada, pois em vários depoimentos observamos o desejo de estudar, trabalhar, mas voltar e lutar pela sua “gente”, gente que lutou e luta a seu lado pela busca de seus direitos e que precisa constantemente formar novas pessoas a fim de continuar permanentemente a luta, como podemos observar no seguinte relato:

Muitos jovens pensam que depois que terminarem o Ensino Médio a primeira coisa que tem que fazer é sair para trabalhar, não é necessário eu continuo morando no mesmo local, estou estudando em uma cidade próxima e trabalhando ali perto na comunidade vizinha, então isso auxiliou para eu ficar. (P. 18 anos)

Com isso, então, pudemos analisar que esta saída não é definitiva, apesar das dificuldades apontadas pelos jovens pelo trabalho desenvolvido por eles no campo. No entanto, compreendemos, como Castro (2005; 2006), que este dilema de ficar ou sair também está marcado pelo peso da autoridade paterna, confirmado na fala da seguinte jovem: “Bom, um pouco eu fiquei por causa de meus pais, meu pai e minha mãe não deixaram eu sair”. (D. 19 anos)

Tomando como base o grupo entrevistado, pudemos perceber que estes jovens não querem sair do campo (mesmo que por pouco tempo), mas pela falta de perspectivas com o trabalho na agricultura procuram desenvolver outras atividades que lhes possam render recursos financeiros, mesmo que esta atividade seja desenvolvida fora de sua comunidade. Por exemplo, estudar fora da comunidade, pois ali não existe a continuação de seus estudos após o término do Ensino Médio, estudos estes preocupados com sua formação, valorizando e respeitados os conhecimentos que trazem consigo e possibilitando uma formação para estes jovens de acordo com suas expectativas e necessidades.

Então, o que podemos perceber que é crescente o número de jovens que apenas se movimentam dentro ou fora de sua comunidade e isto não pode ser visto como uma migração para o urbano, ou o tal abordado êxodo do jovem camponês, mas sim uma “movimentação” para que possam atingir seus objetivos de valorização e realização pessoal.

3.1- Trabalho X Meninas e Meninos.

Nesta parte do texto teremos algumas referências a respeito de indagações feitas aos jovens entrevistados sobre uma das inquietações da pesquisa: se meninas saem com mais facilidade de casa do que os meninos. Estas inquietações partiram de observações percebidas a partir de nossa prática social como educadora destes jovens, que demonstravam ser as meninas tratadas pelos familiares de forma desigual, na questão dos direitos e deveres, em relação aos meninos. Estas observações foram também confirmadas nas leituras que buscaram fundamentar nossa pesquisa. Como está relatado em CEPAGRO (2001 p. 15): “A intensidade do êxodo juvenil feminino é a expressão da maneira como o poder se distribui no interior da família.” No entanto concordamos em parte quando relata:

... o que está em jogo é uma questão de poder: embora as mulheres participem do trabalho na propriedade, no mínimo em condições iguais às dos homens, elas não têm qualquer acesso a tarefas que envolvam algum grau de responsabilidade ou tomada de decisão. (CEPAGRO, idem, p. 15)

O que pudemos observar é que as meninas pesquisadas não aceitam mais serem tratadas como o sexo inferior e sem potencial para enfrentar a luta e os desafios do dia-a-dia, como escreve Bourdieu (apud Stropasolas, 2006, p. 138), que ao se permitirem isso, “As mulheres só podem aí ser vistas como objeto, ou melhor, como símbolos cujo sentido se encontra fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens.”

Surpreendentemente encontramos várias respostas que valem serem descritas, talvez diferentes daquelas que esperávamos receber (de que todos (as), pensam em sair). As meninas demonstram que assim como os meninos saem de sua comunidade somente quando não encontram ali, neste caso no

assentamento, alguma chance para permanecer, caso contrário, apenas movimentam-se.

Assim, trabalham, estudam e se sobressaem perante a desigualdade entre homens e mulheres que a sociedade consumista e capitalista insiste em nos impor, mas com o objetivo de voltar. Esta constatação vem da maioria das respostas dadas por eles e elas, que do total investigado (mesmo que por amostragem), é de 80%. Diferentemente da análise acima citada, da CEPAGRO (2001), que relata que as mulheres saem somente porque não exercem o poder em suas propriedades, nossas jovens trazem outros dados, como podemos conferir nos depoimentos a seguir.

“Saí para estudar, mas eu pretendo voltar quando eu me formar eu quero voltar e morar lá, porque eu acho que é o meu lugar”. (C. 19 anos)

Sou alfabetizadora de EJA, não pretendo sair daqui tão fácil, porque aqui estão as raízes da minha carreira. Foi uma escolha que fiz eu gosto bastante de participar e atuar nesta comunidade e de ajudar as pessoas também (M. 21 anos)

Alguém grande tem que inventar alguma empresa aqui porque que eu vou sair se tiver algum futuro aqui dentro (S. 19 anos)

Os jovens pesquisados nos mostraram que possuem sonhos para além do que o de terem poderes nas decisões em suas propriedades; seus desejos são os de participar ativamente de sua comunidade, ajudar a estimular crianças, outros jovens, adolescentes e os adultos a permanecerem no campo, e este desafio, mesmo que inibido, traz o anseio pela iniciativa de se organizarem para defenderem seus direitos e a valorização da vida no campo. Pois, assim como Castro (2005, p. 86), concordamos que:

O trabalho se configura como uma vivência educativa para os jovens, tanto nas experiências de aceitação dos modelos convencionais de produção, como de construção de práticas ecológicas que respeitam o ambiente e valorizam a biodiversidade, envolvendo a participação da família toda nos processos de planejamento, trabalho e projeção dos investimentos.

Todavia, esta iniciativa não deve partir somente dos jovens; os movimentos sociais precisam atuar mais ao lado deles, possibilitando que o resgate aos espaços coletivos tenha mais sentido e objetivo. Esta organização poderá ajudar a responder as necessidades de trabalho que os jovens (meninas e meninos), demonstram ter, visto que sentem a necessidade de exercer alguma função de

trabalho. Este trabalho tem um sentido maior do que a sobrevivência, carregando a necessidade de se firmarem moralmente, já que percebemos que para seus pais e comunidade o trabalho é encarado como uma forma de proteção aos seus, contra a falta de perspectiva e descaminho, levando-os para uma vida desregrada.

Aqui não nos cabe ressaltar os benefícios ou os malefícios do trabalho para o jovem e sim identificar a importância que tem para o jovem do campo, visto que somente um de nossos entrevistados no momento da pesquisa não estava trabalhando, pois ele revela que o trabalho é de suma importância para sua vida quando fala de sua saída e retorno: “Sai, trabalhei em um mercado, mas não era algo para mim, então voltei para morar no assentamento, quero um trabalho, e se tiver futuro aqui.” (S. 19 anos)

Com isso, constatamos que existe uma falta de perspectivas da continuidade da vida por parte destes jovens, pois eles vêem na roça uma forma de trabalho que lhes dará pouco rendimento e, assim, não poderão ter uma sobrevivência independente de seus pais.

Então, não podemos concordar com alguns autores, como Stropasolas, (2006, p.144), que nos diz:

Os reflexos do descontentamento dos filhos (as) são manifestados, nas representações formuladas a este respeito, pela recusa da condição de agricultor (a), expressa pelo movimento dos jovens em direção à sede dos municípios da região, em busca de oportunidades de trabalho ou mesmo de acesso a níveis superiores de educação.

Pois, aqui o autor nos diz claramente que a saída é uma recusa pela condição de agricultor, e o que pudemos constatar em nossas pesquisas é que nossos jovens vêem sua saída como uma busca por melhorias nas condições de vida, mas que não deixam de lado sua condição de trabalhador da roça, camponês, enfim, não abandonam suas raízes.

Assim, identificamos que nos jovens que pesquisamos existe uma nova concepção de “sair” de sua comunidade: a de sair apenas para atingir seus objetivos, pois como nos diz também Stropasolas (2006), “A educação é um instrumento importante no projeto de vida dos jovens”, e para que possam buscar seus objetivos, que dentre outros é a de uma formação na perspectiva da educação formal. Isto nos remete a pensar que é diferente de nossas suposições e de algumas pesquisas que afirmam, como já relatamos anteriormente, que há uma grande

migração para os grandes centros, como forma simplesmente de se afastar de sua comunidade.

Como Janata (2004), pudemos observar que nossos jovens demonstram querer que seja possível realizar seus sonhos e que uma “outra forma social sonhada, precisa ser gestada por aqueles e aquelas que, conhecendo esta atual realidade (e só assim), não se contentem com ela.”

Nesta pesquisa vimos que nossos jovens buscam se especializar e retornar à sua comunidade para desenvolver trabalhos junto às suas raízes. E isto não está vinculado ao seu sexo, mas sim ao espírito e a história de luta ainda muito presentes em suas vidas, que “buscam equilibrar as relações de gênero”, (Zucchetti, 2006, p.109), mesmo que historicamente esse equilíbrio seja contestado.

Podemos dizer então que as meninas de nossa pesquisa buscam superar essa relação de poder do sexo oposto em suas vidas, assim como os meninos não se acomodam perante os desafios, não desistem de seus sonhos e procuram participar ativamente de outras atividades, já que sentem pouca valorização por parte dos adultos dentro das organizações de suas comunidades, mas de qualquer forma estão inseridos em um movimento social e carregam a característica dos Movimentos, que para Arroyo (p.07), “é a de que os coletivos são de todas as idades, gêneros e raças. As crianças e adolescentes, as mulheres entram em movimento, se expõem, vivenciam o risco (...)”.

3.2 Jovens em estudos: perspectiva de uma formação

Nesta parte do texto buscamos salientar a importância com a qual o estudo foi relatado em nossas entrevistas por parte de nossos jovens. A escola para eles foi expressa de início como mais um ambiente de encontro com os outros jovens, onde as linguagens, roupas, gostos musicais e pensamentos são semelhantes, mas também vista como um escape para os trabalhos diários por eles desenvolvidos em suas propriedades.

No entanto, mesmo considerando a escola vista como um ponto de encontro ou um escape, nossos jovens sentem a importância que a escola teve em suas vidas e para a comunidade, onde se procura centralizar a maioria das atividades, ou seja, um ponto de referência para os moradores da comunidade.

Observamos que o estudo é um meio para os jovens atingirem seus objetivos e sonhos, sejam eles de trabalho ou de saída (mesmo que apenas para continuar seus estudos fora), pois todos relatam a importância de uma formação, afastando destes jovens a negação do direito ao estudo, visto que dentro dos assentamentos as escolas têm um papel imprescindível para esta formação. Para o MST, segundo Morissawa (2001), ao se fazer um plano de ocupação, inclui-se nele a escola para as crianças e os adultos, e isso está vinculado na vida escolar dos Sem Terra.

A importância da escola para nossos jovens é percebida nos seguintes relatos: “O colégio foi tudo para mim durante um tempo até eu estudei e me formei no Ensino Médio, foi uma experiência de vida, mas tenho muito que aprender ainda.” (S. 19 anos) “Foi aqui que aprendi o valor da vida.” (D. 19 anos) “No Colégio tive o incentivo para continuar os estudos, mas lá todos eram a favor da gente continuar morando lá.” (C. 19 anos) “Os professores que na verdade eram amigos me deram muito apoio e vejo que o Colégio me auxiliou muito.” (P. 18 anos)

Com isso, percebemos que o Colégio tem o significado da continuidade em suas vidas, pois eles o valorizam significativamente, já que se organizaram e lutaram por sua construção, significação e continuidade dentro da comunidade.

Dada esta importância aqui cabe à escola e sua comunidade escolar dar uma continuidade a esta concepção trazida pelos seus educandos. Como Arroyo (2006) bem nos coloca afirmando que dependendo de qual paradigma for fundamentada a ação escolar, estaremos acentuando as desigualdades. E é para extinguir as desigualdades que os jovens do campo avançam, não se contentam com pouco, buscam mais e se movimentam, como podemos aqui constatar nas falas de nossos jovens:

Ao terminar o Ensino Médio prestei vestibular, no segundo passei e hoje estou estudando Pedagogia Gestão Educacional e Docência. (C. 19 anos)

Prestei vestibular estou cursando Pedagogia e estou atuando. (P. 18 anos)

Eu fiz vestibular par Pedagogia e comecei a cursar. (M. 21 anos)

Podemos observar que os jovens têm pressa, precisam provar a seus pais e a si mesmos que não dependerão do trabalho pesado na roça para

sobreviver. Pesquisadores como Carneiro (2005), demonstram que a escolarização da juventude de hoje teve um aumento significativo diante do estudo de seus pais, mesmo tendo que desenvolver trabalhos desde pequenos para ajudar a sustentar a propriedade. A juventude atual luta para que este não seja sua única alternativa de ganho, então estudam e os que concluem o Ensino Médio querem mais uma formação para que consigam atingir seus objetivos, é como uma alavanca para não mais desenvolver o trabalho pesado da roça.

No entanto, devemos levar em consideração o que aqui estamos defendendo e constatando com nossas entrevistas, que nossos jovens não querem residir por um tempo indeterminado fora de sua comunidade, mas sim tempo suficiente apenas para completar sua formação e voltar para suas raízes. Se esta formação é para não mais desenvolver trabalhos pesados, o que aqui não podemos afirmar claramente, o que podemos deixar claro é que nossos jovens procuram uma formação direcionada ao campo e uma contribuição para que este possa se desenvolver e atingir novas realizações em conjunto campo e juventude.

Acreditamos, como Singer (2005, p.29), que: “Os jovens tendem a acreditar que, devendo construir um novo mundo, eles serão capazes de fazê-lo melhor, mais justo e mais livre do que o mundo em que vieram à luz”.

CONCLUSÕES

Na pesquisa realizada com jovens do campo, levamos em consideração que eles historicamente vêm sendo criados unicamente para suceder seus pais nos trabalhos braçais na agricultura e que esta dependência e lógica deveria ser seguida por gerações. Portanto, não nos causou estranheza o fato de nossos jovens saberem o que querem, mas ainda se restringirem na demonstração disso para sua família, sem saber qual será a reação dela.

No entanto, o que nos trouxe contentamento foi perceber que estes jovens pesquisados buscam novos caminhos para suas vidas e que estes caminhos não estão distantes do campo. Com isso, buscamos compreender as angústias, sonhos e expectativas desses jovens moradores de um assentamento, os quais nos mostraram nos seus relatos gravados e posteriormente transcritos. Neles, o jovem, em seus sonhos, estabelece uma indecisão, a de que a vida fora de sua comunidade lhes trará a realização almejada, pois em vários depoimentos observamos o desejo de estudar, trabalhar, mas voltar e lutar pela sua gente.

Nesse contexto nos afinamos com Lima et al (2006), “que as organizações precisam olhar os jovens como sujeitos em formação, aprendentes, vivendo um período de muitas incertezas e, essencialmente, vivendo o processo de aprendizagem de viver a vida.”

Podemos, então, refletir primeiramente que há pouca preocupação por parte dos movimentos, neste caso o MST, para com a juventude após a conquista da terra, pois estes jovens estão lá, dentro de um assentamento apenas desenvolvendo alguns serviços comunitários, mas com muitas idéias, muita organização, responsabilidade e prontos para serem formados líderes sem muitas dificuldades, pois já carregam com eles o conceito da organicidade que é desenvolvida dentro de um acampamento Sem Terra. Então, eles não participam do Movimento porque não há uma continuidade desta organicidade e os jovens se desestimulam por não encontrarem mais sentido de sua participação ou simplesmente os jovens se afastam por não quererem participar:

No ano passado eu era catequista, por causa dos estudos não tem como eu estar lá direto. (C. 19 anos)

Eu ajudo a organizar jogos e festas, quando têm eu participo, e ajudo a comunidade. (S. 19 anos)

Desenvolvo um trabalho comunitário na parte religiosa, sou catequista. (D. 19 anos)

Propomos também uma segunda reflexão para que as políticas de trabalho e estudo não alcancem simplesmente a juventude, mas que haja discussões e construções destas políticas com essa juventude interessada e participativa nas decisões que irão permear suas vidas. Nesta reflexão englobamos os adultos, as organizações, as associações, cooperativas, movimentos sociais, enfim, todos aqueles que de alguma forma não contam com a participação ativa da juventude no processo de uma construção coletiva e preocupada com a formação dos e das jovens camponeses.

É inconcebível que jovens não participem da construção, discussão e da tomada de decisões dentro de uma comunidade. Assim como Castro, (2005/2006, p.97), entendemos que:

Os grupos são espaços de convivência e de comprometimento importantes para formar sujeitos engajados e participativos, e que compartilham dos objetivos as organizações do campo, vislumbrando possibilidades e perspectivas de permanência no campo. As relações nos grupos são transformadoras porque educam os jovens na convivência coletiva e na mística de caminhar junto com outros sujeitos do campo. E quando esses grupos conseguem protagonizar iniciativas que afetam outras relações sociais, passam a identificar os jovens como os *portadores de ação*.

O desejo em construir uma nova sociedade onde serão e terão voz ativa, fica claro para nós, mas para isso os jovens precisam de políticas de trabalho desenvolvidas levando em consideração as especificidades juvenis e políticas de ensino superior que valorizem os desejos de modalidades de estudos e formação.

No entanto, não podemos ser ingênuos ao pensar que somente um olhar diferente para nossa juventude irá revolver todos os problemas de insatisfação dos jovens existentes no campo. Como nos diz Abramo (2005, p.69):

(...) as políticas para os jovens devem ser capazes de abordar esta singularidade do modo de inserção, menos do que supor a suspensão ou adiamento destas esferas. E também, que não basta pensar na dimensão da formação, mas também nas da experimentação, da iniciação. Da realização da participação.

Cabe aos movimentos, educadores e comunidade compreender melhor sobre esta categoria, inserindo esta categoria nas discussões, nos debates e

nas reuniões e se perguntar se isso servirá de base para que juntos possamos construir a tão esperada revolução que os jovens buscam.

E, na terceira e última reflexão, nos referimos aos nossos jovens do campo e da pesquisa, que podem e devem defender e lutar por seus direitos. Para isso, é necessário que se abram ouvidos e espaços e aos poucos as mudanças econômicas e sociais para atingir níveis de satisfação, não somente para os jovens, mas, sim, com isso atingir também os espaços que a infância irá ocupar nesta sociedade que até aqui valoriza somente a exclusão, deixando de lado a inclusão da categoria juventude, tão necessária para a não fragilidade desta sociedade.

Aqui quisemos chamar a atenção para esta juventude que está construindo a Educação do Campo para que ela seja valorizada como seres humanos e, principalmente, sujeitos de sua própria história.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (org). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/ Porto Alegre: Instituto Cidadania, 2005.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Que educação básica para os povos do campo**: Palestra proferida no Seminário Nacional "Educação Básica nas Áreas de Reforma Agrária do MST" – Luziânia/GO - setembro 2005.

_____. **Organizações escolares flexíveis**. [S.L.]: Entrevista à professora Eustáquia Salvadora de Souza, 2003. TV Escola, disponível em: www.tvebrasil.com.br/ acesso em: 12 mar. 2007.

_____. **Pedagogias em movimento: o que aprender dos movimentos sociais**. S/a, texto não publicado.

_____. Trabalho – Educação e Teoria Pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org). **Educação e Crise do Trabalho**. Petrópolis – RJ: Vozes 1998.

_____. **A escola do campo e a pesquisa do campo: metas**. In: MOLINA, Mônica (org). Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. 152p.

BELAS, José Luiz. **Estudo de caso na prática educativa**. [S.L.]: Revisão do artigo do mesmo nome escrito em março de 1984. JLBelas, 1998 disponível em: www.jlbelas.pscbr/textos15.htm. Acesso em: 05 mar. 2007.

BRANCO, Maria T.C.; SILVA, Franciele J. G. **Representação social do trabalho pelos jovens sem terra da fazenda São Joaquim**. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (org). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/ Porto Alegre: Instituto Cidadania, 2005.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e reforma agrária**. 1ª edição: setembro. ITERRA- UES, publicado em: Revista Proposta nº 107/108 – dez.2005/mar.2006.

CEPAGRO, **Juventude rural e políticas públicas**: coletânea de textos sobre políticas públicas e juventude rural. Rede CEPAGRO de Desenvolvimento Local. Florianópolis: CEPAGRO, 2001.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FERNANDES, M. Bernardo; Stedile, P. João. **Brava Gente – A Trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, setembro, 2005.

FERNANDES, Bernardo M.; Molina, Mônica Castagna O campo da educação do campo In: Molina, Mônica Castagna; Jesus, Sonia Meire Santos Azevedo de. (org.) **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2004.

_____. **Brasil: 500 anos de luta pela terra**. . [S.L.]: Disponível em: Skype: direitos humanos - dhnet@dhnet.org.br. Acesso em 25 de novembro de 2007.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GRITTI, Silvana Maria. **Educação rural e capitalismo**. Passo Fundo: UPF, 2003 163p.

JANATA, Natacha Eugênia. **Fuxicando sobre a cultura do trabalho e do lúdico das meninas-jovens-mulheres de assentamentos do MST**. Dissertação de mestrado Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, março 2004, 135p.

LEVI, Giovanni; Schmitt, Jean-Claude, **História dos jovens**. Org. Giovanni Levi, Jean-Claude Schmitt: tradução Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2000.

MARGULIS, Mario; Ariovich Laura. (et al.): **La juventud es más que una palabra** editor Mario Margulis – 2 ed. – Buenos Aires: Biblos. 2000 241 pp.: 23x16cm. – (Estudios sociales).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. 256p. : il.

PAIS, José Machado. **Cultura juvenis**. Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa: Coleção Análise Social. 1993.

RAMOS, Marise Nogueira. **O ensino médio ao longo do século XX: um projeto inacabado**. 1ª edição: setembro. ITERRA-UES, 2006.

SILVA, Adaiane Soares. **Sujeitos jovens do campo**. In: Caldart, Roseli Salete; Paludo, Conceição; Doll, Johannes (org). **Como se formam os sujeitos do campo?**– Brasília: PRONERA: NEAD, 2006. 160p.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (org). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/ Porto Alegre: Instituto Cidadania, 2005.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Ed. Da: UFSC, 2006.

ZUCCHETTI, Minora Tereza. Jovens em movimento(s). In: Caldart, Roseli Salete, Paludo, Conceição, Doll, Johannes (org). **Como se formam os sujeitos do campo?**– Brasília: PRONERA: NEAD, 2006. 160p.